

GERSON SALDANHA

O QUE EU TROUXE

NA BAGAGEM

*Como um intercâmbio pode mudar a sua vida
para sempre*

GERSON SALDANHA

O QUE EU TROUXE
NA BAGAGEM

NR. 1

RIO DE JANEIRO

JANEIRO DE 2015

DEDICATÓRIA

Primeiramente, eu gostaria de agradecer a Deus por mais uma oportunidade de escrever um livro, aos meus pais, irmã, tios, tias e primos que acreditam nas minhas aventuras doidas e aos meus amigos, brasileiros e do mundo todo, que fazem os meus dias os mais legais, cheios de risadas e zoações.

The background of the page is a solid blue color with a dense, repeating plaid or checkered pattern. The pattern consists of thin, intersecting lines in a slightly darker shade of blue, creating a grid of small squares.

Sumário

- 1** O barbeiro de Seattle
- 2** O presente de aniversário
- 3** Uma passada "rápida" no Texas
- 4** Frio de Verdade
- 5** Bem-vindo
- 6** Várias culturas numa casa só

7 Primeiro Dia de aula

8 Conterrâneos

9 Portland Trail Blazers
vs. Chicago Bulls

10 Odeio Despedidas

11 A melhor hora para
um intercâmbio

12 O segredo do inglês fluente

13 O valor de um intercâmbio

14 Faça um intercâmbio de graça!

15 O que eu trouxe na bagagem

CAP. 1

"eu não estive em
TODOS OS LUGARES,
mas está na
MINHA LISTA."

SUSAN SONTAG

Ó BARBEIRO DE



Lembro-me como se fosse hoje. Era uma manhã de quarta-feira cinzenta de maio de 2013. Um dia nublado, estranhão para uma manhã no ensolarado Rio De Janeiro.

Eu estava na recepção do quartel, onde eles chamam de sala de Estado. Fui pegar um exemplar do jornal, o qual a instituição é assinante, para levá-lo à barbearia. Eu

era barbeiro da Escola Naval, cortava aproximadamente uns trinta cabelos por dia. Acabava o expediente tudo doía:

Mãos, pés, coluna, meus dedos ainda pareciam tremer com o bater da tesoura, mesmo horas e horas depois do último corte. Aproximadamente umas nove da

manhã, o jornal chega e eu pego um exemplar do jornal O Globo e levo para a

barbearia para que os clientes lessem enquanto esperam a sua vez para aparar o cabelo. No caminho, não resisti e abri,

para ver a parte de esporte, porque O Globo era um tanto quanto complicado de

se ler, e até então, eu preferia ler somente o “Meia Hora”, pelas suas capas engraçadas sempre com piadas e trocadilhos. Pois era dentro do jornal O Globo que estava o convite que, além de realizar um sonho de moleque, mudaria a minha cabeça, meu jeito de pensar e de ver o mundo. Mudaria a minha vida.

“ O Tebni foi o vencedor da segunda etapa da promoção Intercâmbio No Exterior e ganhou um intercâmbio em Vancouver. A Próxima Etapa é para Seattle. Participe!”

Oi? Uma promoção? Valendo uma viagem. Que maneiro.

Tebni era o cara que havia ganho a segunda etapa do concurso de intercâmbio promovido pelo jornal. Eu não me contive e, quando cheguei em casa, entrei no site e fui ver “qual era” dessa promoção.

Se tratava de um concurso cultural que estava dando a quatro jovens a chance de fazer um intercâmbio em quatro cidades.

Eram elas, em ordem, Nova Iorque, Vancouver, Seattle e São Francisco. Poxa,

que massa, eu sempre quis fazer um intercâmbio, mas isso ainda não está acessível à Nova Classe C. O que eu poderia fazer para participar desta promoção? Fui ler o regulamento e ele era simples. Como a próxima cidade do destino era Seattle e a cidade é conhecida por ser o berço dos pais da tecnologia, como Bill Gates, por exemplo, a organização do concurso fez a seguinte pergunta:

“Qual conexão geek você traz de bagagem para o seu caminho?”

Bom, eu associo “geek” àquele cara viciado em tecnologia, que dorme na fila da Apple esperando o próximo lançamento do Iphone e se amarra em “Star Wars”, entre outras coisas. E eu supus certo! Cheguei em casa, peguei o computador, coloquei no colo (da mesma forma que eu estou escrevendo isso aqui. Vai que essa posição me dá sorte e eu não sei, kkkk) e comecei a escrever. E a resposta ficou assim:

“Eu trago de bagagem para o meu caminho uma vontade de viver imensa e com a qualidade de um sistema operacional rápido e moderno, com um processador de última geração que nunca tem a sua validade expirada. Esta vontade é tão grande que, se não for compactada em um arquivo bem pequeno, ainda caberá em meu coração, que não é de “placa-mãe”, mas sempre comporta mais um, ou vários, pois é maior que um HD de incontáveis Giga e Terabytes. Trago também a vontade de compartilhar minha rede sem fio de alegria, gratuitamente, e sem senha de segurança a todos ao meu redor, para que baixem um aplicativo que só exibirá sorrisos na tela principal de seus rostos, para que, quando este meu sistema operacional estiver ultrapassado, eu ainda tenha como abrir algum arquivo carregado de boas lembranças e possa ser atualizado até que termine minha vida útil.”

Yeah! Eu [ganhei!!](#)

CAP. 2

**AS PESSOAS NÃO
FAZEM AS VIAGENS
AS VIAGENS É QUE
FAZEM AS PESSOAS**

JOHN STEINBECK



OPRESENTE

DE

ANIVERSÁRIO

Depois de dois meses, um corre-corre tremendo para tirar passaporte e visto americano, eis que eu levo todos os documentos para a agência de intercâmbio e o consultor me fala:

- Gerson, o único dia disponível para a sua viagem é o dia 9 de novembro, que é o dia do seu aniversário. Você vai querer ir ou não?

Claro que eu topei na hora. Para deixar essa vitória mais bonita, no dia que eu completo 23 anos eu realizo um sonho que é viajar para fora do Brasil pela primeira vez.

Depois de a minha mãe ter feito um “bolinho para não passar a data em branco”, com todos os meus familiares, que eu não pude dar muita atenção porque passei o dia inteiro aprontando a mala, vendo o que levava ou não levava, nos despedimos de todos e partimos para o Aeroporto Internacional Do Rio De Janeiro, pois o voo saía aproximadamente onze da noite e eu tinha que chegar cedo por causa do Check-In.

O planejamento na hora de partir para um intercâmbio é fundamental, pois ele evita que você acabe por cometer deslizes bobos na hora do embarque. Havia um peso específico para a minha mala que eu não lembro mais, mas como a minha mãe – vocês sabem como são as mães, não é?! – quis conferir item por item que eu estava levando um pouco antes da gente sair de casa, ela acabou

por dobrar a quantidade de meias, camisas e calções de frio e eu nem mesmo percebi.

- A sua mala está acima do peso, senhor Gerson – disse a atendente da empresa aérea na hora da pesagem da mala para um gelado Gerson que já estava passando mal de medo do avião e que ficou ainda pior com a notícia de que poderia pagar a mais pela bagagem.

- Err... eu posso tirar algumas coisas, então? – perguntei um tanto quanto sem graça.

- Sim, mas o senhor tem que ser rápido, porque o voo sai em uma hora e quinze minutos.

Naquele momento, aproveitei que meus pais estavam no aeroporto ainda e fui ao banheiro esvaziar a mala o máximo que eu pude.

Por sorte, na segunda pesagem, a mala ficou bem abaixo do peso e eu pude embarcar tranquilo em um voo que demoraria nove horas até a minha primeira conexão em Houston, no Texas. É, parabéns para mim.

CAP. 3

**PARA VIAJAR
BASTA EXISTIR**

FERNANDO PESSOA

UMA PASSADA

"RÁPIDA"

NO TEXAS

Foram nove horas acordado. Vendo – mesmo que a noite – o máximo de lâmpada acesa possível dos países que eu estava sobrevoando. Primeiro, começou aqui no Brasil mesmo, com Belo Horizonte. Lembro que passei por Brasília, voei por toda a Floresta Amazônica, Venezuela, Santo Domingo, Miami e, por fim às cinco da manhã, aterrissamos em Houston.

Que viagem (em ambos os sentidos)! Parecia mentira que eu estava nos Estados Unidos. Na entrada do aeroporto, havia uma bandeira enorme dos EUA e um telão gigante mostrando os pontos turísticos dos “Estates” e meus olhos brilhando como uma criança. Não havia percebido, mas eu estava em uma fila e, no final daquela fila, tinha alguns homens carimbando passaportes. Era a imigração.

Eu lembro do pânico que alguns internautas colocaram em mim, quando fui pesquisar no Google acerca de como seria esse processo de

imigração. Diziam que, se você não estivesse com todos os documentos corretos, ou se não conseguisse comprovar que estava indo para aquele país para estudar, poderia ser deportado na mesma hora. Em parte isso é verdade.

Em uma viagem, seja ela de intercâmbio ou não, é de suma importância que a agência dê os documentos necessários para que a pessoa não passe por perrengues na hora da imigração. No meu caso, eles me deram:

- 1 - A Carta da Universidade que eu estava indo estudar;
- 2 – Um papel impresso com o endereço da família que iria me hospedar em Seattle;
- 3 – Um cartãozinho que continha o número do meu seguro de vida e alguns telefones de hospitais próximos de onde eu iria ficar.

Esses são os elementos básicos para que o atendente da imigração não encha o seu saco, mas existem outros itens que são auxiliares nessa hora, pois você pode ser perguntado sobre eles:

4 – Cartão Travel Money/ Dinheiro: É bem comum que se pergunte quanto de dinheiro você está levando para passar os dias fora, por isso esteja com a resposta na ponta da língua.

5 – Passagem de Volta: Esse item eles não perguntam tanto, mas fique com ela a mão para comprovar que você vai voltar no dia em que disse que voltaria.

Depois de todos esses trâmites, fui liberado para procurar o portão da conexão onde eu pegaria o meu próximo voo com destino ao aeroporto de Tacoma/Seattle. Eram oito da manhã e o avião partiria às nove. Eu já fiquei sentado esperando, pois a qualquer hora, poderiam chamar para entrar, mas o aeroporto era tão bonito que dei um “rolé” e depois eu voltei, digamos, um tanto quanto atrasado.

Meu Deus, faltam vinte minutos, todo mundo já deve ter entrado e eu vou perder o voo, vou ficar no Texas – eu pensei todo desesperado.

Quando olhei aquele telão e vi que o voo atrasaria de nove para dez da manhã, me senti aliviado. Sentei e esperei lá quietinho.

Quando deram vinte para as dez, apareceu um anúncio dizendo que o voo atrasaria mais uma hora e sairia às onze.

Quando deram vinte para as onze, apareceu outro anúncio dizendo que o voo atrasaria mais uma hora e sairia ao meio dia.

E assim foi até às cinco da tarde, quando o voo Houston – Seattle partiu. Era incrível perceber a tranquilidade dos americanos em relação a toda hora a atendente falar a mesma coisa a cada quarto para a próxima hora: “Desculpe, senhores o voo atrasará por mais uma hora”.

Alguns rindo e fazendo piada da situação e eu tipo, Meu Deeeeeeeeeus. Já to perdendo a paciência com essa palhaçada já!!!!

Em situações como essa é de suma importância o controle emocional. Eu não estava nem tão desesperado com o fato de o avião estar demorando a beça, mas sim com a hipótese de chegar em Seattle e não ter mais ninguém me esperando, pois estava combinado que eu chegaria às nove da noite, horário de Seattle, que era duas horas a menos que a de Houston. Mas no final, tudo deu certo, e coitada da menina da

Universidade que ficou me esperando no
aeroporto de Seattle.

cap. 4

Pior que
não terminar
Uma viagem é
nunca partir

Amyr Klink



FRIO

DE



VERDADE



Assim que desembarquei, veio um vento gelado, igual àqueles desenhos em que bate o frio e o personagem congela, pois assim estava. Eu usava um casaco de algodão fininho, pois pensava que o frio americano fosse igual ao “frio quente” do Rio De Janeiro. Tremia de bater o queixo e ainda tinha que ir até a esteira de bagagem buscar a minha mala e ainda procurar a garota que a agência de intercâmbio disse que estava me esperando, mas devido ao atraso do meu avião, eu duvido que ela ainda esteja me esperando.

Quando você está em um ambiente desconhecido, a sua imaginação vai a mil, desde associar locais de filmes ao local que você está – como, por exemplo, quando estive no Distrito de Whitechapel, em Londres, algum tempo depois, logo lembrei do Jack Estripador, pois era ali que ele atuava – não tinha nada a ver com nada. O problema é que a imaginação começa a trabalhar com coisas irreais, mas que acabam por trazer atitudes reais à tona.

Eu não encontrava nem a garota, nem ninguém com plaquinha, nem nada, então, resolvi pegar algumas moedas e tentar telefonar para a

Universidade para saber se ela já tinha desistido de me esperar e ido embora.

- Alô, é da Universidade de EverGreen? – eu perguntei.

- Não, aqui é da lista telefônica. Um momento. Vou direcionar o senhor para EverGreen.

Alguns poucos segundos depois:

- EverGreen, boa noite? – Disse alguém de plantão na universidade.

- Boa noite – eu disse com meu inglês que era uma mistura de Curso de Idiomas do Estado do Rio De Janeiro com TVZ e filmes de ação legendados – eu sou um aluno, vindo do Brasil e estou no aeroporto de Seattle. Eu gostaria de saber se vai vir alguém me buscar aqui.

Quando terminei de falar, a menina que estava atrás de mim, me cutucou rapidamente.

- Boa noite, você é o Gerson?

- Sim, sou eu, mas com licença que estou no telef...

Ao olhar para a sua mão direita, estava lá a plaquinha com o meu nome. A garota estava atrás de mim o tempo todo que estive na fila do orelhão, mas eu fui agir por meios próprios e acabei por não percebê-la.

Sáimos do aeroporto e eu perguntei a menina se sempre fazia muito frio naquele lado dos Estados Unidos. Ela disse que sim. Mas fria maior eu iria me meter se tivesse achado que ela não viria e saísse cidade afora com a minha afobação, procurando pela Universidade.

CAP. 5

**A VIDA É UMA VIAGEM
A TRÊS ESTAÇÕES:
AÇÃO
EXPERIÊNCIA
E RECORDAÇÃO**

JÚLIO CAMARGO

Welcome!

على الرحب و السعة

Bienvenido

Bem-vindo

Lá no aeroporto, havia um serviço de transporte que leva as pessoas que desembarcam direto para suas casas ou hotéis que estão hospedados. Dentro da van, estávamos eu, um senhor – aquele cara típico dos EUA: Bem branco, com um ar sério, de chapéu e casaco – uma senhora – que parecia ser uma mulher de negócios, pois estava de terno e malas e também bastante séria – e uma jovem de mais ou menos uns vinte anos e com cara de universitária.

Eu também fiquei sério, porque já era de se esperar o comportamento calado deles. Quando de repente, a jovem começou a puxar assunto comigo:

- Ei, você é da cidade?

- Não, eu não sou. Eu sou do Rio De Janeiro, no Brasil – respondi.

- Ano que vem tem copa do mundo e os EUA vão botar pra quebrar na sua casa – disse o até então senhor calado e de aparência séria.

- Nossa, o Rio deve ser tão lindo. Já pedi ao meu chefe para me transferir para a filial brasileira e

ninguém me atende. Se não transferirem, nas férias irei lá – disse a mulher de negócios.

Um tapão na minha cara. Pensei que os americanos seriam frios e calados, de repente, todos na van começaram a conversar comigo, como se eu fosse um artista.

O brasileiro tem fama de ser muito receptivo com os estrangeiros, sejam eles vindo de países colônia ou metrópoles, que acaba achando que as pessoas dos outros países não são como a gente. Aprendi nesse dia que realmente as aparências enganam. Conversamos até cada um deixar o veículo. Ahh, esqueci de falar que o motorista também entrou “na vibe”, enquanto eu e a jovem conversávamos sobre músicas antigas que talvez os mais velhos gostem como Jhonny Cash – que tocava na rádio country que o motorista estava ouvindo naquele momento -, fomos surpreendidos com o pedido do homem sério, que clamou por mudar a rádio e colocar na rádio de rap. Ele adorava Lil’ Wayne, Jay-Z e, pasmem: Beyoncé também, que para ele, era a maior artista da década 2000 – 2010.

Eu fui o último a descer, depois que meus novos amigos foram deixados em suas respectivas casas.

Eu estranhei tudão. A rua da casa que eu iria ficar era muito escura, eu mal podia enxergar as casas de madeira e o frio também embaçava o vidro da janela do carro. A visão estava muito limitada. Quando o motorista parou o carro e me disse:

- Gerson, pode descer é aqui.

Eu desci contemplando cada detalhe daquela enorme casa de madeira, com abóboras de Halloween no jardim e esquilos correndo e passando por cima do meu tênis (que em um primeiro momento quase matei um, porque pensei eu fosse um rato. Coisa de brasileiro.) A porta se abriu e saiu um adolescente de lá. O moleque era grande bem maior que eu que tenho 1,82m, mas dava para ver que era um adolescente.

- Ei, cara qual é o seu nome? – perguntou o adolescente.

- Gerson – respondi.

- Seja bem-vindo, “Guerson” é você mesmo que estamos esperando – respondeu ele errando o meu nome, coisa que aconteceu milhares de vezes, devido à dificuldade dos americanos em juntar o

“G” com uma vogal, sem que fique com som de “Gu” (A palavra “Girl” é um exemplo disso).

Entrei na casa e tive a primeira surpresa: Não é só porque eu estava nos EUA que a família tinha que ser americana. Eles tinham a cara daqueles índios americanos e eu tive que perguntar, antes de qualquer outra coisa:

- Ei, cara, vocês são americanos, ou imigrantes?
- Nós somos samoanos – respondeu o adolescente, completando – Prazer, eu sou Jeremiah.

Naquele bairro em que eu ficaria as próximas três semanas, que se chamava Lacey, havia muitos samoanos, ou melhor samoanos-americanos, como eles preferiam ser chamados. Era todo mundo muito igual, como se fosse uma colônia, mas não era, pois você facilmente encontrava japoneses, chineses, mexicanos...

- Oi, você deve ser o Gerson! Seja bem-vindo à nossa família – disse a matriarca da família, Irene, que logo me apresentou o seu filho adolescente mais velho Josiah e o marido, Thomas. Logo após, ela me apresentou o quarto em que eu ficaria e meus roomates, ou colegas de quarto:

Mohammed, da Arábia Saudita e Luiz, da
Venezuela.

A escolha do país de destino de um intercambista,
no meu ver, passa a ser algo de importância
pequena (com exceção do custo de vida que cada
cidade apresenta, claro), pois quando você chega
ao destino internacional, várias culturas são
apresentadas a você, como aconteceu comigo:
Estava nos Estados Unidos, na casa de uma
família da Samoa Americana, com um colega de
quarto árabe e o outro venezuelano.

Cap. 6

**Pedi minhas
Contas, viajei
e cai no mundão
Vou ver o mundo
Tendo o mundo
Como
anfitrião
Forfun**

Várias
Culturas
em uma casa
Só

“Ei, você é brasileiro? É a cara do Robinho, aquele jogador de futebol. Você é parente dele?”

Essa foi a frase de apresentação do Mohammed, que deu para fazer um raio-X nele. É viciado em futebol, o nosso país é influente na Arábia Saudita e todo negro se parece.

Era incrível a desenvoltura do Mohammed o tempo todo. Tinha apenas 20 anos, o inglês dele era impecável, num primeiro momento, pensei que ele fosse americano. Ele era super comunicativo, inteligente pra caramba e muito brincalhão. Mais um tapa na minha cara, que pensava que os árabes eram todos sérios.

- Ei, cara, você conhece alguma coisa da Arábia Saudita? – perguntou Mohammed.

- Não sei não, cara... Só sei que lá tem um rei – respondi.

Esse mesmo rei da Arábia Saudita, segundo meus amigos árabes, é uma das pessoa mais admiradas pelos jovens por lá. Ele investe mesmo na juventude e na educação. Nos EUA tem uma galera forte vindo da Arábia Saudita, porque esse rei fez tratos com o país para mandar os

universitários para estudarem por lá, mas antes, tem que estar afiados no inglês.

- E o que você sabe sobre o Brasil, Mohammed? –
perguntei.

Ele tocou em vários assuntos, entre eles política (os protestos de julho de 2013), música (“Aí Se Eu Te Pego”, um hit entre os gringos), economia (ele conhecia o Real quase como eu), entre outras coisas e eu fiquei de bobeira com o cara. O Brasil é um país extremamente influente mundo a fora. A visão de um estrangeiro hoje em dia sobre o Brasil vai muito além de mulheres e carnaval e só futebol, que, convenhamos, é um conceito que ainda está forte, mas, com a globalização e o acesso à internet, passou a ser história dos anos 1950, pois estamos mostrando que temos muito mais coisas a apresentar ao mundo.

Quanto ao Luiz, era um venezuelano, digamos, um pouco tímido. Luiz tinha acabado de fazer 18 anos e há pouquíssimo tempo tinha terminado o Ensino Médio. O pai, um influente fazendeiro

venezuelano, havia mandado o filho para os EUA para estudar inglês, porque era bem ruim no idioma. Quando eu cheguei ele torceu o nariz, pois dividiria o quarto com mais um cara, mas ao longo do tempo, passei a ser o anjo da guarda do cara, pois eu usava o meu terrível “portunhol” para se comunicar com ele.

- Hey, is Luiz your name? How are you man (O seu nome é Luiz? Como você vai, cara?) – eu disse, estendendo a mão direita para um aperto.

- No, mi pana, Inglés no (Não, meu camarada, inglês não) – respondeu-me Luiz, poupando o pouco de inglês que ele sabia.

Disse anteriormente que a cultura do Brasil tem uma forte influência lá fora, sobretudo nos países latinos, mas é universal que muita gente pense que aqui se fala ESPANHOL. Como se diz nas redes sociais: Eu só observo.

Cap. 7

A vida é pequena

e o mundo é

Grande!

Simon Raven

Primeiro

Dia

 De aula

Eu estava muito cansado das dezesseis horas de viagem do Rio a Seattle, fora as horas de atraso no aeroporto de Houston. Eu só lembro de conversar pouco com os meus colegas de quarto e depois apagar. Era para termos acordado às sete da manhã, se quiséssemos chegar às nove na Universidade. Pois acordamos às 07:30hs e estávamos muito atrasados. Corremos para o ponto do ônibus, pois, para chegarmos um pouquinho menos atrasados, teríamos que pegar a condução que passava às 07:43hs.

- Ah, galera, relaxa. Ele deve passar umas oito horas, não precisa ter tanta pressa – eu disse, rachando a cara ao saber que no ponto do ônibus havia um relógio imenso e o ônibus passou exatamente às 07:43hs.

Cheguei na sala de aula às nove e quinze, o professor olhou para o relógio, olhou para mim e, como era a primeira vez que ele me via, ele disse:

- Está atrasado, Gerson. A aula começa às nove.
Seja bem-vindo.

Eu acho que é coisa de país subdesenvolvido, não sei, mas ao desembarcar em outro país esteja sempre atento à hora. Cinco, dez, quinze minutos de atraso é um pecado capital. Depois que voltei ao Brasil, uma das coisas que mais aplico e que aprendi nesse meu intercâmbio foi a PONTUALIDADE. Já estamos acostumados a dar aquela atrasadinha, ou nos adaptarmos ao horário errado. Parece ser algo cultural, mas não temos culpa, porque foi implantado de geração em geração, como se fosse algo normal.

Cap. 8

*Para onde quer
Que fores, vai todo
leve junto
teu coração*



Confúcio

***Meus
Conterrâneos***

Quando arrumamos as malas e metemos o pé para um intercâmbio, a última coisa que queremos ver na nossa frente é um brasileiro. Mas eu não dou dois dias para você implorar para encontrar um “brazuca”, ou ouvir alguém falando português. Tem certos locais que você encontra conterrâneos facilmente, como Nova York, Londres ou Paris, mas em Seattle era muito difícil (pelo menos nos locais que estive). Tanto que quando você encontra, fica igual a uma criança. É festa total.

- BRASIIIIIIIL!! – gritamos eu, a Helen, o Julio e o Victor, os únicos brasileiros daquele local quando nos vimos, depois de tanto ouvirmos os gringos falarem pra gente se encontrar.

Tem muita gente que quando viaja para um intercâmbio procura manter distância dos conterrâneos, sejam eles brasileiros ou não. Já cansei de encontrar cariocas, paulistas, mineiros, gaúchos e gente de tudo quanto era estado nos meus intercâmbios. Teve um ousado que uma vez me falou:

“Ei, cara, desculpa, eu não quero andar muito com você, porque, sabe como é, não é?!... Eu estou aqui para melhorar o inglês e andar com brasileiro não vai me ajudar nisso...”

Pois ele está redondamente enganado. São os brasileiros que chegaram antes de você que farão o networking entre os intercambistas de outros países e você crescer, pois irão apresentar a você mais pessoas.

O Victor me apresentou um monte de gente:
Japoneses, taiwaneses, colombianos,
equatorianos, russos... e foi com eles, que já estavam há muito mais tempo do que eu nos EUA, que eu tive os meus melhores momentos.

Cap. 9

**O pior
naufrágio
é não
partir**

Amyr Klink

**PORTLAND TRAIL
BLAZZERS
VS
CHICAGO BULLS**

Certo dia, eu estava “almoçando” (leia-se arroz, ervilhas, uma fatia de pizza, um cachorro-quente de pão e linguiça e um copo de suco de laranja irlandesa, um almoço típico americano) e o Victor me chamou para um jogo de basquete em Portland, Oregon, em um outro estado americano. Eu não hesitei em aceitar o convite, ainda mais que era o Chicago Bulls que ia jogar.

Chegou o dia e fomos todos nós estrada afora. Era um carro alugado (alugamos por um final de semana a preço de banana: Uns U\$\$ 25!). Eram seis pessoas. Eu, Victor (Brazucas), Fumitoshi (Japão), Eliana (Colômbia), Jair e Jorge (Equador). Eu já cheguei ao ginásio, que se chamava Rose Garden Arena maravilhado. Primeiro, porque eu esperava que fosse algo como um clássico carioca de futebol, como um FLA X FLU e no Maracanã, por exemplo, e depois, fiquei perplexo com a organização das entradas no estádio. Todo mundo perfilado, no maior silêncio, ou no máximo, conversando bem baixinho, entregando seus tickets para o porteiro que deixava um a um entrar. Do lado de dentro, a Fox

Sports cobria o jogo ao vivo e o pessoal todo em volta dos comentaristas em completo silêncio. Era tudo muito silencioso para uma partida de basquete. O barulho só começou quando os times entraram em quadra. Tinha uma torcida grande do Chicago Bull lá, muito maior até do que a do dono da casa, o Portland Trail Blazers, que venceu aquela partida por 98 a 95. Pensa que a torcida do Chicago Bulls desceu a quadra e foi tirar satisfação com os jogadores por terem perdido? Negativo. Acabou o jogo e foi todo mundo embora, inclusive os jogadores que saíram pelo mesmo lugar que a torcida saiu. Outro fato que me deixou bobo.

Em uma outra cultura, o velho ditado que fala sobre “seguir a boiada” cabe como uma luva. Por mais que eu quisesse descer e cumprimentar os jogadores, na quadra mesmo, já que as condições eram favoráveis para isso, eu poderia ter problemas. Um brasileiro que também estava em algum lugar da quadra quase foi detido, porque desceu e foi tentar falar com Derrick Rose, um jogador do Chicago Bulls que é estrela por lá. Já que não conhecemos bem como é o sistema e os

costumes deles nessas situações é melhor seguir a
boiada do que entrar em uma encrenca.

Cap. 10

**Eu quero
dar sentido
ao
universo** 

Steve Jobs

Odeio

Despedidas_

Sem dúvidas, a hora de partir foi a pior hora. Eu não gosto de me despedir de ninguém, por isso, sempre engano a todo mundo e, quando eles percebem, já parti. Isso tudo para evitar que eu chore. E quando eu começo a chorar, eu (grande desse jeito) choro mesmo, rsrs.

Eu acordei às oito da manhã porque não queria me atrasar. A companhia aérea tinha me mandado um email dois dias antes, dizendo que o carro voltaria à casa da família que eu estava hospedado para me buscar, e isso seria às nove. Como eu já sabia sobre a pontualidade americana, não quis atrasar nem um minuto sequer. E às nove em ponto, lá estava o motorista. Dei a sorte de quase todos na casa estarem dormindo, inclusive o Mohammed e o Luiz, meus colegas de quarto. Dei um até logo à Irene e ao Thomas, seu marido e aos filhos adolescentes deles, Jeremiah e Josiah, o que foi o suficiente para partir o meu coração.

Quando embarquei no primeiro voo que ia de Seattle a Houston, eu lembrei de tudo aquilo que eu havia vivenciado nos últimos dias. Foram 21

dias que transformaram para sempre a minha vida.

Mergulhar em uma outra cultura, vivendo como um nativo é simplesmente impagável. Uma experiência que você traz para o seu país, no qual, as coisas boas, você pode aplicar, para transformá-lo em um lugar melhor.

Então, quando o avião decolou e eu olhei para a janela e vi todos os lugares que eu tinha passado, não consegui conter as lágrimas que tanto evitei que caíssem.

Cap. 11

**O viajante ainda
é aquele que
mais importa
em uma viagem**

André Suáres

**A MELHOR
HORA PARA
UM
INTERCÂMBIO**

Não existe melhor hora para fazer um intercâmbio. Tudo depende de você. Já encontrei pessoas de diversas faixas etárias nos meus intercâmbios. Nunca é cedo ou tarde demais para uma experiência internacional. Claro, que menores de idade tem que ter a autorização dos pais, mas essa é a idade ideal, pois, se o adolescente tiver interesse em fazer a sua graduação em um outro país(vou falar disso um pouco mais a frente), vai poder conhecer melhor um pouco da cultura, dos costumes e quem sabe, até fazer um tour pelas universidades pela qual ele deseja aplicar (algo como prestar vestibular). Hoje em dia, as agências de intercâmbio oferecem pacotes para a galera mais madura, que é mais focado em aprender um idioma para operações corporativas, ou negócios e também intercâmbios em família. Então, esqueça da idade, se é muita, ou pouca, porque o mundo te espera.

CAP. 12

VOLTAR
QUASE SEMPRE É
PARTIR PARA
UM OUTRO
LUGAR

PAULINHO DA VIOLA



O segredo Do Inglês Fluente

Vou te falar um segredo para a fluência em
qualquer idioma, que talvez quase ninguém saiba:
A AUTOCONFIANÇA.

Claro, aliada com o conhecimento que você tem no idioma, mesmo que ele seja pouco. Afinal, você está em outro país para aprender, então, dispa-se de tudo o que você aprendeu na sua vida toda e esteja aberto para o novo. Principalmente o idioma. Quando eu cheguei em Houston para a minha primeira conexão, eu precisava usar o orelhão – eu tinha falado anteriormente que usei o orelhão no aeroporto de Seattle. Usei lá também, porém já sabia como manuseá-lo -. Eu não fazia ideia de como colocar aquelas moedas dentro do telefone para fazer uma ligação para a minha mãe, no Rio de Janeiro para dizer a ela que eu tinha aterrissado bem em Houston, senão ela iria achar que o avião caiu no meio do caminho, sabe como são as mães, não é...

Tinha uns caras sentados perto de mim, eles trabalhavam no aeroporto. Eu fiquei fazendo cara de paisagem na frente do orelhão e toda hora eles me perguntavam: May I help you, dude?
(Podemos te ajudar, rapaz?)

Como resposta, eu apenas balançava a cabeça negativamente, ou apenas falava um tímido “no”, com medo de falar inglês. Eu tava pedindo a Deus para passar algum brasileiro ali pra poder me

ajudar com aquele telefone, porque se os caras fossem me ajudar, eu ia passar vergonha, porque não iria entender nada. Para a minha alegria, passou uma família de brasileiro, de Minas Gerais, para ser mais específico. Quando eu os escutei falando português, logo chamei e pedi ajuda. Como eles já estiveram no Estados Unidos outras vezes sabiam bem como manusear aquele monstro engolidor de moedas. Usei, liguei para a minha mãe e terminei a ligação. Aquela simpática família seguiu para a direita e quando eu seguia para a esquerda, ouvi um daqueles funcionários do aeroporto gritarem no bom e velho português: “Ei, garoto, por que não pediu para a gente te ajudar. Somos brasileiros também!”.

Um outro chegou em mim e disse:

- Cara, eu suponho que você não quis a nossa ajuda porque estava com medo de falar em inglês, não é?

- Talvez sim – eu respondi.

- Eu tenho certeza de que você sabe pelo menos o básico do inglês. Você tem que confiar no que você aprendeu na escola ou no cursinho e falar o que você sabe porque o resto você vai aprender ao

longo da sua jornada aqui nos EUA – disse o homem.

Aquilo mexeu comigo e eu fui falando o que eu sabia, mesmo que às vezes estivesse errado, porque era nessa hora que eu aprendia o certo. E vou te contar: Aprendi muito errando. Muita gente entra diversas vezes em cursinhos de inglês tentando pegar uma fluência, quando ela já é fluente. Hoje em dia, com o avanço da internet, o que não falta é chat em que você pode treinar o seu inglês ou qualquer outro idioma com pessoas nativas, seja por escrito ou por videoconferência, que é melhor ainda.

Portanto, coloque a sua autoconfiança para trabalhar e fale o que você sabe, sendo humilde o suficiente para perceber que é nos erros em que se aprende. Erre uma vez para acertar na próxima vez.

Cap. 13

Viajar é descobrir
que tá todo mundo errado
sobre os outros países

Aldous Huxley

O valor De um Intercâmbio

Essa parte é delicada da situação. Um intercâmbio não é lá muito barato. Em 2014, com o aumento do dólar, houve uma subida significativa nos preços dos intercâmbio, que na maioria das agências é contado na moeda americana, mas deixa eu te contar mais um segredo: Se você se planejar legal, ele não sai tão caro assim.

Existem muitas (muitas mesmo) maneiras de parcelar um intercâmbio, algumas empresas oferecem até dois anos antes da viagem para começar a pagar. Uma pedra no sapato seria o preço da passagem aérea que não dá tanto tempo assim para começar a pagar, mas se você já estiver programado quanto ao curso, a passagem não pesará tanto no bolso assim (claro, quando ela também for comprada com o máximo de antecedência possível).

Há também aqueles destinos que são super em conta e valem muito à pena, como por exemplo, para quem quer estudar inglês e acha os EUA caro, tem o Canadá, que é um país que está crescendo neste ramo e cada vez atraindo mais brasileiros. Para aqueles que querem estudar espanhol, uma boa pedida é Buenos Aires, na Argentina. O peso argentino está barato e as viagens para a cidade, que parece sempre estar na alta temporada, são sempre muito enriquecedoras, culturalmente falando.

Mas, na minha concepção, o maior valor de um intercâmbio é aquilo que ele pode te proporcionar quando você volta dele. O fato de você sair por um tempo da zona de conforto rumo ao

desconhecido é fascinante. As empresas hoje em dia estão valorizando bastante uma experiência internacional, não importa quantos dias ela tenha sido, mas se você já estudou lá fora, sai na frente de um monte de gente na hora da procura por um emprego.

UMA VIAGEM
DE MIL MILHAS
COMEÇA COM
UM ÚNICO PASSO

LAO-TSÉ

CAP. 14

FAÇA UM
INTERCÂMBIO
DE GRAÇA!

Eu tenho a maior vontade de fazer um intercâmbio, mas eu não trabalho, moro com os meus pais ou não é a minha prioridade, porque tenho que usar o dinheiro para outras responsabilidades. Fique sabendo que oportunidades para você fazer um intercâmbio sem tirar nada do bolso, ou até mesmo fazer uma graduação completa no exterior não faltam e vou explicar aqui como você consegue isso:

- 1) Se você está no ensino médio, por favor, corra para internet e descubra o que é o [“Common Application”](#):

Eu falei sobre isso em algum ponto do livro, mas aqui eu posso explorar mais este assunto. O Common Application é como se fosse o vestibular para você ter acesso a diversas universidades dos Estados Unidos. Tem muita gente aqui no Brasil que quer fazer uma graduação lá fora, mas não tem

muita informação. Qualquer um pode fazer o common application, porém o fator X para a sua aprovação em uma faculdade lá nos EUA é o preparo. Quando você preenche o formulário, várias coisas são pedidas e que são fundamentais para a aprovação: você precisa comprovar fluência no inglês, através do Teste De Inglês Como Uma Língua Estrangeira, ou TOEFL, fazer trabalhos voluntários, praticar esportes e, claro, ter excelência acadêmica. Calma, é trabalhoso, mas temos inúmeros casos aqui no Brasil de pessoas que seguiram exatamente estes passos e conseguiram 100% de bolsa de estudos em universidades como Harvard, MIT e Stanford. Estou falando de jovens normais, muito deles vindo de famílias simples (veja alguns casos [aqui](#), [aqui](#) e [aqui](#)). Além do mais, existem instituições [das próprias universidades americanas](#) que ajudam o candidato nesse processo. A Fundação Estudar tem todo ano um programa de mentoring, que consiste em alunos já aprovados e devidamente matriculados nessas universidades americanas de ponta

que “adotam” esses candidatos no processo de aplicação, desde a documentação necessária até escolha de cursos, entre outras coisas. Outra dica legal da própria Fundação Estudar é o programa de bolsas que ela organiza todo ano para estudantes brasileiros que apresentam as características compatíveis à instituição, que oferece de 5 a 95% da bolsa de estudo na universidade americana.

- 2) Se você tem talento em algum esporte, o que está esperando para estudar fora?

Diferente daqui do Brasil, as universidades mundo afora dão um enorme valor ao esporte. Do futebol, passando pelo rúgbi, esgrima, natação e tênis. Praticamente todos os esportistas podem concorrer a uma bolsa de estudo em faculdades no estrangeiro, principalmente as americanas.

Existem agências aqui no Brasil que fazem essa conexão entre o atleta e a universidade pela qual ele deseja aplicar e se ele for realmente bom, ganha bolsa de até 100 %. Eu tenho vários amigos que ingressaram assim. Os casos mais interessantes são de um amigo meu, que se chama Carlos, que estudava Relações Internacionais comigo na faculdade e foi para uma universidade de Orlando para participar da equipe de tênis. Outra história é de um outro amigo meu, [Raian](#) que foi para San Diego, na Califórnia, através de um intercâmbio que ele ganhou no colégio dele aqui no Brasil

para que ele terminasse o ensino médio lá fora. Ao longo do ano letivo, ele fez um teste na equipe de futebol americano da High School que ele estudava e no final do ano acabou ganhando uma bolsa integral na Universidade da Pensilvânia, onde graduou-se em Relações Internacionais, Estudos Latino-Americanos e Economia. Lembre-se que este livro está te dando a dica, se você é bom (a) em algum esporte, procure agências legalizadas que te conectem com faculdades no exterior. **Não perca tempo.**

- 3) Se você quer estudar fora e se encaixa nos requisitos dos programas do governo, vá em frente:

O governo tem uma série de programas que pouca gente conhece, que beneficia docentes e discentes. Mas o mais conhecido é o Ciência Sem Fronteiras. Porém, o programa é bem limitado àqueles que fazem graduação na área de exatas. O programa abrange universidades do mundo inteiro e cada ano abre mais vagas. Outra dica é o Programa Erasmus, que eu descobri por acaso esses dias e que é destinado às faculdades da União Européia.

4) Concursos esporádicos:

O meu primeiro intercâmbio, conforme eu já contei aqui, eu ganhei através de um concurso de jornal. A partir daí, eu descobri que a internet está cheia de concursos do tipo e que você pode se dar muito bem. Tem de tudo: Concurso cultural organizado por agência de intercâmbio, concurso que você posta foto e pode ganhar, sorteios, entre outras coisas. E a melhor parte é que pouca gente toma conhecimento dessas promoções. As oportunidades para o seu primeiro (ou segundo, terceiro, décimo..) intercâmbio estão aí, você tem que ter visão de águia para enxergá-lo, pois ela

pode estar longe, mas também pode estar bem perto. Quem sabe essa oportunidade é este livro.

Portanto, dedique um pouquinho menos de tempo nas redes sociais e comece a procurar por estas promoções. Quem sabe uma delas pode te dar uma experiência inesquecível e você vai te foto a beça para compartilhar.

UIAJAR

**É ESTAR ABERTO
AO NOVO,
AOS OUTROS
E A VER A VIDA
COM OUTROS OLHOS**

CRISTIANE GALVÃO

CAP. 15

o que eu TROUXE NA BAGAGEM

Certa vez, eu estava em uma das aulas na faculdade e a professora abordou um assunto que eu nunca mais me esquecerei:

“O homem é produto do meio onde ele vive”.

Essa era uma frase do filósofo alemão Frederich Ratzel em sua tese chamada “Determinismo Geográfico”. Sabe, eu venho de uma família humilde, sou filho de um porteiro, que ora faz bico de pedreiro com uma dona de casa (e tenho um orgulho imenso disso) e onde eu nasci e cresci, na periferia do Rio De Janeiro me faria ser conforme o ambiente me construísse, o que eu não preciso citar aqui, pois todos sabem como funcionam as periferias. Eu acho que eu sou a exceção à essa regra, porque sempre batalhei pelos meus objetivos, independentemente da minha origem. Um dia sonhei que estudaria fora e esse sonho se realizou e foi isso que eu percebi nesse intercâmbio em específico. Lá fora, diante de tanta gente de diferentes histórias e culturas, eu percebi o quão sortudo e abençoado eu fui em estar com cada um deles e aprender. Isso me fez crescer como ser humano, porque afinal, muitas pessoas não tiveram essa oportunidade, ou muitos

estão tendo, mas não a perceberam e estão deixando passar. Existem muitas coisas boas que podemos pegar de pessoas de outros países para implantar no nosso e eu acho que o intercâmbio serve para isso, para a troca de experiências e o que for bom você traz consigo para por em prática no seu país. Eu aprendi que não existem limites para o ser humano. Eu estou determinado a, como estudante de Relações Internacionais, conhecer o mundo, o máximo de países que eu puder estar e, de preferência, através de bolsas de estudo, porque, por enquanto, eu não tenho dinheiro para isso, mas disposição para arrumar eu tenho de sobra.

Os mais velhos têm as histórias e as experiências para contar, nós jovens, temos a força para correr atrás do que queremos e a maior lição que eu aprendi nesse intercâmbio em especial é de que o mundo é meu, ou melhor, é nosso e ele está aí para que a gente explorá-lo.

SOBRE O AUTOR

Gerson Saldanha nasceu em Mesquita, na baixada fluminense. Ganhou vários prêmios relacionados à escrita, coisa que sempre gostou desde pequeno. Trabalhou como barbeiro na Escola Naval, até que um dia descobriu em um exemplar do jornal que deixava todos os dias para os clientes lerem, um concurso que daria como prêmio uma bolsa para estudar inglês nos EUA. Ele ganhou a viagem mas, acima de tudo, ganhou uma nova visão de mundo e uma experiência incrível. Desde então, Gerson compartilha suas histórias na internet. Ele também já estudou em Londres, na Inglaterra e está se preparando para embarcar para Amsterdã e Tokyo, ainda em 2015. Seu maior prazer neste livro é inspirar os leitores a ganharem o mundo, pois oportunidades para isso não faltam por aí, tanto para viajar quanto para criar oportunidades de viagem.

Me acompanhe nos próximos intercâmbios!



<https://www.facebook.com/gerson.saldanha.16>



gerson_saldanha



@gersonsaldanha9